Revista Militar, II Século, ano 22, nº 8-9, agosto-setembro/1970, pp. 640-645

RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

3—ALARCOS [1]

(19 DE JULHO DE 1196)

Brigadeiro
J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA

Os *Almóhadas*, seita ortodoxa fundada por Mohamed--ben-Tumart, em 1107 e expandida, com mais latitude, a partir de 1121, mercê de vitórias sobre os *Almorávides*, só apareceram na PENÍNSULA IBÉRICA a partir de 1147, quando se dá a primeira incursão capitaneada por Abu--Amran, que começou por atravessar o Estreito com um exército e tomar TARIFA, ALGECIRAS, SEVILHA e JEREZ.

Em 1152, Abd-el-Mumen reune um considerável exército, desembarca em ALGECIRA sitiou ALMERIA que se rendeu e os Almóadas foram alargando cada vez mais as suas conquistas na PENÍNSULA. Mas é principalmente com Abu-Yacub, em 1163, que à frente de uma numerosa hoste, lança uma verdadeira guerra santa contra os Cristãos peninsulares.

A penetração tem então como eixo principal SEVILHA-SANTARÉM e as suas vistas orientam-se para PORTUGAL. Foi junto às muralhas desta última cidade que Yacub cai mortalmente ferido (Julho de 1184), sucedendo--lhe, no califado de SEVILHA seu filho Ab-Yusuf-ben-

---

[1] Os dois primeiros artigos desta série: «*Chryssus*» (*Guadalete*) e «*Cangas de Onís*» (*Covadonga*) foram publicados na revista *Infantaria*, agora suspensa, nos seus N.os 267-269 e 270-272, Julho-Set. de 1969 e de Out.-Dez. do mesmo ano.

-Yacub, mais conhecido por *Almansur* (Vitorioso) e que se propôs continuar a luta na PENÍNSULA.

Reinava então em CASTELA, Alfonso VIII, contemporâneo do nosso D. Sancho I e que para aliviar as províncias do Sul, empreendeu uma ofensiva, em que toma grande parte da BÉTICA e chega mesmo até ALGECIRAS. É de aqui que ele dirige uma altiva carta ao soberano Almóada, lançando-lhe um repto e dizendo «que se ele não pode vir dar-lhe batalha no solo da BÉTICA, que lhe mande barcos que ele, Alfonso VIII, passará com as suas forças a ÁFRICA e dar-lhe-á batalha na sua própria casa»!...

Isto em alarde um pouco quixotesco, pois encontrava-se sem forças aliadas, ou de reforço, não esperando por algumas que os reis da PENÍNSULA lhe prometeram, ou que lhe poderiam ter prometido; precipitadamente lança este imprudente e até afrontoso repto ao altivo Almansur que apenas se digna responder, «no verso da carta», dizendo «que há-de reduzir a pó e enterrar pela terra dentro os restos dos exércitos cristãos por meio das suas forças nunca vistas!...».

E acto contínuo, tendo terminado por sufocar uma rebelião de Almorávides nas BALEARES, mandou «içar o pavilhão rubro e a grande espada» e apregoar, por todo o seu reino, a «algihed» (guerra santa).

Em face disto e aceite o repto cristão, Abu Yusuf fez transportar a ESPANHA, durante o mês de Julho de 1196, um imenso exército árabe-berebe.

Segundo os cronistas coevos, quer o árabe Abdelhalin, quer o arcebispo D. Rodrigo («Anales Toledanos» e a «Crónica Compostelana») o imenso exército era de uma constituição muito heterogénea: Phartos, Árabes do PRÓXIMO ORIENTE, Africanos de outras seitas, Almóhadas, voluntários Alárabes, Algazares, Ballesteros, Zenetas, Gomares e outros, sendo uns 100 000 de cavalo e uns 300 000 peões. Haverá aqui exagero? Talvez não, pois numa das crónicas, se diz: «o seu exército era inumerável e como a areia do mar, assim era aquela multidão»...

Assim esta invasão foi executada com enorme efectivo bastante heterogéneo, apesar de se avaliar pelas crónicas que a maioria fosse de Almóhadas, não deixa de ter esse

característico, ao passo que os homens de Tárik e depois os dos reforços de Musa, eram quase exclusivamente Bereberes com alguns elementos, em minoria, de Árabes.

Há muito poucos detalhes, nas crónicas citadas, sobre esta Campanha, que foi a mais desgraçada para as armas Cristãs, em virtude da precipitação e da falsa apreciação das forças inimigas por parte de Alfonso VIII. Era natural que pudesse contar com substanciais ajudas dos Reis Cristãos, de D. Sancho I, por exemplo, se tivesse sido prudente e soubesse esperar. Parece, por exemplo, que Ricardo-Coração de Leão, Rei de Inglaterra, então em lutas na NORMANDIA, lhe prometera bom auxílio. Contudo, aquele repto atrevido e precipitado levou as hostes cristãs a uma horrível derrota!

Mas não nos precipitemos: deduz-se das entrelinhas dos cronistas que Almansur passou à PENÍNSULA com o seu numerosíssimo exército; que teria desembarcado na região de ALGECIRAS, ou entre esta provoação e TARIFA, e que, uma vez concentrado na região imediatamente a Norte da baía e do GEBELTARIK, tivesse progredido para Norte, na direcção mais favorável ao provável encontro com o Rei, que lhe lançara tão altivo repto.

O encontro com a stropas de Alfonso VIII, vindas provàvelmente da região de TOLEDO, deu-se a 19 de Julho de 1196 [1], nas margens do R. GUADIANA, na região imediatamente a NW da actual CIUDAD REAL, onde o rio faz uma dupla curva, com duas inflexões.

As tropas de Yusuf devem ter ocupado o monte e esporão (de nome ALARCOS), que segue imediatamente a N e NW, o plató onde está construída CIUDAD REAL, tendo como fosso, da magnífica posição, o curso do GUADIANA e tendo comandamento sobre a margem direita e as tropas cristãs devem ter-se estabelecido e preparado para o ataque na margem N. fronteira, na região pouco mais ou menos, das actuais OJOS DEL GUADIANA — PIEDRABUENA, em inferioridade de terreno.

---

[1] Alguns historiadores indicam como mais certo, o ano 1197.

Parece que, inicialmente houve, na luta, um período de certo equilíbrio e em que a superioridade numérica muçulmana foi compensada pela superioridade do armamento ofensivo e defensivo e pelo ímpeto dos Cristãos; contudo passadas algumas horas de luta, a batalha começou a inclinar-se para o lado cristão e só, mercê de uma carga simultânea e de flanco das duas cavalarias, em face da extraordinária supremacia da muçulmana,a vitória inclinou-se então, decisivamente para o lado destes e foi então a derrota completa, tanto mais que os Cristãos tinham então o rio pelas costas!...

Há cronistas, manifestamente com o empenho de salvarem a reputação do Rei Cristão, que dizem que não houve imprudência e que Alfonso VIII não podia recusar batalha, uma vez lançado o repto. A culpa, dizem ele, foi de não terem aparecido a tempo as ajudas prometidas e citam como exemplo, o caso de Ricardo-Coração de Leão e não se sabe se também acusam do mesmo o nosso D. Sancho...

O distinto historiador e crítico militar, general Kindelán, é de opinião que o lugar do encontro foi bem escolhido, visto que tinha, pela parte dos Muçulmanos, a retirada bem assegurada e da parte dos Cristãos, a posição na margem direita do rio, cobria TOLEDO. Estamos de acordo, sobretudo por parte dos invasores; o que não podemos estar de acordo é com a maneira precipitada de agir de Alfonso VIII, em não aguardar informes sobre o potencial do adversário, em não esperar pelos auxílios dos reis cristãos, peninsulares e, sobretudo, e isso foi o seu erro mais grave, de lançar um tão atrevido repto sem se assegurar de ter os meios suficientes para o poder manter!...

E assim, se CANGAS DE ONÍS foi a desforra de CHRYSSUS, também ALARCOS o foi de CANGAS e de que maneira estrondosa!...

Os cronistas são conformes em que Alfonso e os seus vassalos obraram prodígios de valor; tanto assim que quase todos os Cavaleiros de CALATRAVA, encontraram a morte nesta desgraçada batalha e além destes a fina-flor da Cavalaria castelo-leonesa.

Existe também certo acordo entre eles quanto às perdas: descontados os exageros habituais, chegam à conclu-

são que as perdas dos Cristãos devem cifrar-se em 20 000 mortos e 30 000 prisioneiros, dos quais, num gesto de generosidade, Almansur, libertou vinte mil, o que desagradou sobremaneira aos seus fiéis Almóhadas... Das perdas Muçulmanas não rezam as suas crónicas, ensoberbecidas pela estrondosa vitória!

Sabe-se que Alfonso VIII escapou por milagre; finda a batalha acolheu-se aos muros de ALARCOS, povoação que tomou o nome do monte em que estava construída e que deve ter sido no local da actual CIUDAD REAL. Mas não aqueceu lugar; entrou por um lado e saiu por outro e retirou ràpidamente para TOLEDO. Nessa altura chegava ali, tardiamente com a sua hoste, Alfonso de LEON. Houve talvez cenas desagradáveis entre os dois Alfonsos, que se separaram zangados e que se guerrearam, talvez por causa disso, durante 3 anos! E afinal quem era ali o mais culpado?!...

Quanto a detalhes do desenrolar da luta, as crónicas são absolutamente escassas; não se pode estudar, em profundidade, os pormenores tácticos e, por isso, a crítica das operações e as conclusões a tirar, são impossíveis. Apenas dão a entender as crónicas que os Cristãos devem ter passado o GUADIANA para Sul, atacado os adversários nas suas fortes posições do monte ALARCOS (1), mesmo, em certos pontos e durante algumas fases da luta, adquirido certa supermacia, mas que, em face de um duplo movimento envolvente pelas cavalarias dos dois partidos e talvez mercê da extraordinária supremacia da muçulmana, toda a sua valentia sossobrou e deu-se o desastre.

Contam as crónicas que Alfonso VIII teve um período de enorme desânimo, em que sua mulher teve um papel importante em o confortar e aconselhar a voltar à luta. Por meio de enlaces matrimoniais, alianças, ameaças e diplomacia, conseguiu, em pouco tempo, Alfonso VIII restabelecer, não só o seu prestígio pessoal, mas conseguir alianças militares e a organização de um bom exército. Para o experimentar inicia novamente a luta contra os Almóhadas,

---

(1) Os vários relatos dão a entender que tanto o monte sobranceiro ao rio como a povoação tinham o mesmo nome.

internando-se pelas suas terras e consegue vitórias em JAEN, BAZAR e ANDÚJAR, o que provocou uma violenta reacção de Nacer, sucessor de Yusuf, que proclamou novamente a guerra santa e embarcou para a PENÍNSULA com *um numeroso exército*, composto principalmente por Gomeles, Zanhagas, Etíopes, Bereberes, Alabares, Zenetas, Egípcios, Persas e Nubios, enfim, gentes desde o PRÓXIMO ORIENTE até ao Norte de ÁFRICA. Dizem as crónicas que jamais um tão grande exército pisou terras das ESPANHAS!...

Entretanto, quando tudo se preparava, do lado Cristão para afrontar tão grande perigo, Alfonso VIII é ferido, no mais íntimo do seu ser, pela morte repentina de seu filho primogénito, D. Fernando, que já se afirmara um guerreiro consumado. Mas agora não se abateu o vencido de ALARCOS! Impetrou o auxílio espiritual do Papa Inocêncio III; houve procissões, quer em TOLEDO, quer em ROMA; congregaram-se mais esforços, chegaram-se a juntar, nos arredores de TOLEDO, cavaleiros cruzados de várias nações, segundo as crónicas, em número de 1000 com seus pagens e escudeiros, 10 000 ginetes e até 50 000 peões.

Tudo se preparou para a desforra, que foi estrondosa, tão grande como o foi *ALARCOS* para os Mahometanos. Mas esses sucessos serão objecto de um estudo seguinte: NAVAS DE TOLOSA!...